

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**SANTOS, Fernando António Piteira (Amadora, 1918 – Lisboa, 1992)**

Fernando António Piteira Santos nasceu na Amadora, em 1918. Cresceu no seio de uma família de tradições republicanas, sendo filho de Vitorino Gonçalves dos Santos, um militar republicano que participou na revolução do 5 de Outubro de 1910, e de Leonilde Bebiania Piteira. Foi nesse município que passou a sua infância e adolescência, frequentando a Escola Alexandre Herculano, concluindo os seus estudos no Liceu Passos Manuel em Lisboa. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Lisboa em 1935 e um ano depois transita para a Faculdade de Letras, optando por fazer o curso de Ciências Histórico-Filosóficas.

O jovem Piteira Santos envolveu-se cedo na política e no activismo cívico, pronunciando-se frequentemente sobre o devir da sociedade portuguesa. Há que destacar a sua reivindicação de um patriotismo prospectivo que se opunha ao patriotismo retrospectivo então dominante, pretendendo construir um futuro promissor que em nada se relacionava com a visão tradicionalista do passado português defendida pelo Estado Novo (Santos, “Considerações acêrca da vida pública e dos meus compatriotas”, 1939, pp. 1 e 8). A sua consciência política terá sido reforçada nesta altura pela colaboração na *Seara Nova*, pela mão de Vasco Magalhães Vilhena, perfilhando o denominado «espírito seareiro». Já o seu envolvimento no jornal *O Diabo* a partir de 1938 coincidiu com a adesão ao Partido Comunista. Como tal, a sua participação neste periódico teve uma conotação com o movimento neo-realista, assim associada a uma lógica comunista (Farinha, “Santos, Fernando António Piteira”, 1996, p. 880).

Em 1943 é eleito suplente do Comité Central do PCP sob o pseudónimo de “Frederico” e, no ano seguinte, passou a controlar o Comité Regional do Oeste-Sul. Paralelamente, controlava os Grupos Antifascistas de Combate através da Comissão de Ligação Militar, integrava a Comissão Executiva do MUNAF, representava os interesses do PCP junto do MUD e associou-se ao Movimento Nacional Democrático. Como consequência do seu activismo, foi detido pela PIDE entre 1945-46 e em 1951. Porém, desde finais da década de 1940 que Piteira Santos era alvo de acusações dentro do partido, sendo rotulado de “renegado” e de “traidor” por alguns membros. Datam dessa época as acusações no jornal *Avante!* de revisionista, “titista” e de oportunismo associado a uma lógica heterodoxa. Esse foi o momento de ruptura entre Piteira Santos e o Partido Comunista Português (Soares, *Portugal Amordaçado*, 1974, pp. 172-3 e 185-6).



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

O seu percurso académico foi intermitente, na medida em que o activismo e as respectivas consequências lho permitiam. Apresentou a sua tese de dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras de Lisboa em 1950, intitulada *Geografia e Economia da Revolução de 1820*, vindo a ser publicada parcialmente em artigos na *Revista de Economia* em 1951 e, mais tarde, pela Europa-América. O autor propôs-se traçar o desenvolvimento económico e social de Portugal na viragem para o século XIX e as mudanças e dificuldades sentidas no seio da sociedade portuguesa. É uma investigação que tenta ir além de uma perspectiva individual sobre as grandes figuras da época, favorecendo uma perspectiva de conjunto que indicasse "(...) as grandes linhas do comportamento colectivo (...). São elas que interessam à história sociológica" (Santos, *Geografia e Economia da Revolução de 1820*, 1962, p. 68).

De facto, a relação entre sociologia e história é aqui manifesta. Como nota Vitorino Magalhães Godinho, a influência de sociólogos como Georges Gurvitch, Lucien Goldmann, André Siegfried, François Goguel e Charles Seignobos sobre Piteira Santos é visível, particularmente pelos estudos sobre actos eleitorais e grupos sociais de dimensões variáveis (Godinho, "Saudade de lutar pelo futuro", 2003, p. 158). A visão sobre as movimentações sociais, políticas e económicas saem reforçadas pela abertura à sociologia, permitindo observar a interligação dessas evoluções com as transformações da sociedade oitocentista portuguesa. Há também uma notória influência do materialismo histórico sobre o pensamento deste historiador, evidente na ideia de conflitos entre classes sociais e a ênfase no domínio da burguesia (bem como o aspecto económico no âmago dessa disputa), entendendo-se, em parte, através das ideias políticas do autor. Mas tal não obsta uma abrangência metodológica do historiador. Assim, sinaliza-se ainda a influência dos *Annales* na esteira do pensamento de Marc Bloch, Lucien Febvre e das perspectivas de Fernand Braudel sobre o tempo e a evolução das estruturas da sociedade. Não por acaso, evocava, em 1947, as palavras de Marc Bloch de que o historiador não é um homem livre, pois as suas perspectivas, métodos e problematizações estão sempre condicionadas pela sua historicidade. Mas a prossecução de um ideal de verdade estaria presente no decurso das suas investigações enquanto elemento imprescindível de uma história-ciência (ou «história-problema») (Santos, "Sobre uma frase de Marc Bloch", 1947, p. 356-66).

Em 1951, Piteira Santos publica *As Grandes Doutrinas Económicas* com o pseudónimo de Arthur Taylor. Obra com uma significativa repercussão, visava organizar um estudo sistemático de algumas doutrinas sob a perspectiva da história económica – "o mais exacto ramo da história", nas palavras do autor, por lidar com matéria quantitativa nas interações e relações humanas (Taylor, *As Grandes Doutrinas Económicas*, 1951, p. 6). São analisadas as diversas maneiras como produção, economia e moeda eram encaradas pelos homens das suas respectivas sociedades e através dos séculos. A investigação baliza-se desde a Antiguidade, com as concepções platónica e aristotélica, até ao neoliberalismo, à planificação económica e ao keynesianismo. Entre esses momentos observam-se diferentes escolas e correntes de pensamento cujo desenvolvimento acompanhou o fenómeno da globalização ou, inversamente, cingindo-se ao continente europeu. Não deixa de ser interessante observar como Piteira Santos delinea, a título de exemplo, o



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

intervencionismo e o proteccionismo como reacções à «Escola Clássica» preconizada por Adam Smith, Stuart Mill, David Ricardo e outros (*ibidem*, pp. 49-51 e ss.); ou ainda a emergência do socialismo, caracterizando uma natureza antagónica perante o individualismo e que tende a desenvolver-se das origens «utópicas», com Saint-Simon e Robert Owen, até Karl Marx (*ibidem*, pp. 58-62 e 76-85).

O afastamento de Piteira Santos do PCP não o desarticulou do activismo político, tendo mantido laços a movimentos da oposição ao regime. O fracasso da Revolta de Beja em 1962 obrigou o historiador e a sua mulher Stella a entrarem na clandestinidade, exilando-se na Argélia e aí ficando até à revolução de 25 de Abril de 1974. Porém, foi um período de intenso activismo político. Piteira Santos foi um dos fundadores e dirigentes da Frente Patriótica de Libertação Nacional, participando na delegação desse movimento em Argel. Foi a partir daí que colaborou na Rádio Voz da Liberdade enquanto editor de conteúdos, emitido a partir das instalações da Rádio Argel e da qual Stella Piteira Santos foi a famosa locutora. E os contactos com figuras dos movimentos independentistas das colónias portuguesas terá sido constante, porventura marcado por relações próximas na prossecução de ideais e objectivos comuns.

Após a revolução de 1974, Piteira Santos é chamado para a docência universitária na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e mais tarde, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, leccionando cadeiras ligadas à história contemporânea e à teoria da história. Nas primeiras abordavam-se questões e temas de natureza política, cultural, social e económica num sentido interdisciplinar. A cadeira “Introdução ao Estudo de Portugal”, leccionada na Faculdade de Letras, revela isso mesmo ao incluir a condição geográfica do país e do meio envolvente (buscando certamente alguma influência do pensamento de António Sérgio e Jaime Cortesão). Nota-se também um enquadramento de conteúdos políticos nos de foco económico e social, rejeitando assim uma perspectiva voltada unicamente para a história política. Há ainda que sublinhar a incorporação do Estado Novo nos currículos imediatamente após a revolução, traduzindo-se na necessidade de compreender esse passado próximo (Núcleo de Expediente e Arquivo da FLUL / Departamento de História / Programas / Anos Lectivos 1976-1979 / “Programa para a cadeira ‘Introdução ao Estudo de Portugal’”).

No segundo tipo de cadeiras leccionadas por Piteira Santos assiste-se ao estudo do conceito de história e do conhecimento histórico, dos objectos de estudo, da interdisciplinaridade e das figuras de maior impacto na historiografia ao longo do tempo. Sublinha-se o ideal de história enquanto ciência e disciplina, inscrita no seu desenvolvimento espaço-temporal e acompanhando as tendências e correntes de pensamento de cada época. Assim, o estudo de diferentes metodologias e concepções é igualmente incorporado nos programas. E além de abordar figuras internacionais, a atenção dada a cronistas, historiadores e escritores portugueses é significativo na valorização das tendências estrangeiras e nas suas recepções em Portugal (*idem* / Departamento de História / Programas / Anos Lectivos 1983-1985 / “Programa ‘Teoria das Fontes e Problemática do Saber Histórico’”).

A sua última lição, votada à transição do absolutismo para o liberalismo em Portugal, foi proferida na



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Faculdade de Letras de Lisboa a 30 de Junho de 1988. Além de uma breve evocação do seu percurso na referida faculdade desde os tempos de estudante até à docência, o historiador pretendia estimular debates sobre a identidade nacional portuguesa através de um diálogo com outras áreas do saber, nomeadamente a geografia e a sociologia – em duas palavras, um debate sobre Portugal enquanto “problema histórico” (Santos, “Do «Antigo Regime» ao Portugal Liberal”, 1988, pp. 16-7). Não menos importante foi a intervenção de Borges de Macedo neste evento, reiterando as qualidades de intelectual e cidadão que caracterizavam Fernando Piteira Santos (Macedo, “Na última aula do professor...”, 1988, pp. 11 e 13).

A partir de 1974 há uma intensificação da actividade de Piteira Santos enquanto autor de obras científicas. Um exemplo disso é o capítulo de sua autoria na *História Contemporânea de Portugal*, dirigida por João Medina, onde escreveu sobre o reinado de D. Maria I e de D. João VI, as invasões napoleónicas e a Monarquia Constitucional – à sua maneira, complementando a obra *Geografia e Economia da Revolução de 1820*. A apresentação destes eventos é construída numa perspectiva predominantemente político-militar, embora o autor não se coíba a referir o impacto social e económico de determinadas forças presentes nas épocas - a abertura dos portos brasileiros aos navios ingleses, o desenvolvimento socioeconómico do Brasil durante a estadia dos Bragança ou a intervenção do povo – com destaque para a burguesia – na «Martinhada» (Santos, “D. Maria I – D. João VI: ...”, 1990, pp. 56-7 e 67).

Na obra votada à presença de Raul Proença na *Alma Nacional* e à sua relação com António José de Almeida, Piteira Santos analisa a obra e o pensamento político do jovem intelectual num contexto de movimentações revolucionárias que levaram ao 5 de Outubro de 1910. É também a afirmação de uma lacuna que fora deixada relativamente ao estudo desse periódico, na colectânea *Obra Política de Raul Proença* publicada pela *Seara Nova* em 1972, como o próprio autor refere (Santos, *Raul Proença e a Alma Nacional*, 1979, pp. 13-5). Mas o historiador também apresenta aspectos teóricos da sua percepção da análise historiográfica, afirmando que a história (destacando o passado próximo) devia “(...) responder às interrogações (...) das outras ciências do homem e da sociedade”. Nestes termos, abria-se o ofício de historiador à própria sociedade e aos problemas do tempo hodierno, pressupondo uma ideia de história-problema (Santos, *Raul Proença e a Alma Nacional*, 1979, pp. 13-5).

As suas investigações também passaram pelo estudo da obra e do pensamento de António Sérgio. Sublinha-se aqui o seu artigo “António Sérgio: o escritor e o discurso ensaístico” (1982), onde o autor caracteriza o método ensaístico de Sérgio: o uso da razão, a problematização constante, a abertura de novas perspectivas, a rejeição de dogmas, entre outros aspectos (Santos, “António Sérgio...”, 1982, pp. 7-15). Eram elementos que já tinham sido indicados num outro artigo publicado três anos antes, intitulado “Notas de introdução a uma leitura de Sérgio” (1979), onde já se afirmavam algumas destas ideias. Mas também se manifestavam outras características, como a recepção de ideias de vários autores sobre o ensaísta e a própria condição de escritor (Santos, “Notas de introdução...”, 1979, pp. 155-58).

Refira-se ainda a sua investigação sobre o movimento operário em Portugal, latente ao percurso político



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de Paul Lafargue. A sua influência fez-se sentir sobretudo pela luta contra as ondas proudhoniana e bakuninista que avançavam sobre a Península Ibérica. Através da leitura da correspondência de Lafargue, Piteira Santos pôde estabelecer os contactos mantidos com figuras como Antero de Quental (que conseguira afastar-se do pensamento de Proudhon), José Nobre França, José Fontana e outros, criando, em articulação com Friedrich Engels, as bases para uma estrutura ibérica do movimento socialista assente nas duas nações a partir da década de 1870 (Santos, “Paul Lafargue...”, 1990, pp. 245-56).

Pelo caminho ficou a elaboração de uma *História de Portugal* que seria publicada pela Alfa, planeada desde inícios da década de 1980 e que o historiador, por razões editoriais e de tempo, nunca chegou a publicar. Nela reuniria alguns dos maiores historiadores portugueses da época como V. Magalhães Godinho, A. H. de Oliveira Marques, A. José Saraiva, José Mattoso, Joel Serrão, João Medina, A. Borges Coelho e J. S. da Silva Dias, entre outros, que assinariam capítulos em seis volumes, partindo da pré-História (num contexto peninsular) e avançando ao longo dos séculos (Espólio Piteira Santos / Actividade Privada / Autor literário / Documentação... / Diversos I / [fls. 3-11]).

A orientação e participação em cursos, seminários e conferências sobre variadas temáticas da história contemporânea portuguesa são aspectos a realçar no percurso académico deste historiador. A sua colaboração no congresso dedicado ao 5 de Outubro no Palácio Foz, em 1976, é um dos exemplos dessa sua intervenção, procedendo a um estudo sociopolítico desse momento revolucionário através de correspondência, testemunhos e memórias de figuras da época, fossem republicanas, monárquicas ou socialistas. Tratava-se igualmente de analisar algumas questões através de conceitos-chave, nomeadamente o “carácter de classe” na natureza da própria revolução (Santos, “O 5 de Outubro e a História...”, 1976, pp. 29-54). Paralelamente, a sua participação na conferência dedicada ao fascismo em Portugal versava sobre a integração e articulação do Estado Novo com movimentos conservadores, autoritários e fascistas do século XX através das características presentes na sua génese.

A sua vida pública após a revolução pode ser caracterizada pela afirmação de um ideal de cidadania, buscando a defesa da democracia e dos seus ideais pelo debate, exposição de ideias e denúncia de fenómenos que, em seu entender, não se coadunavam com o regime democrático. Mas há que considerar ainda o seu pensamento crítico e a firmeza em determinados ideais, o que certamente dificultou (quando não impediu) cedências ou até filiações políticas (Cunha, “Santos, Fernando António Piteira”, 2000, p. 398). Nesse sentido, integrou múltiplas comissões, associações e organizações de natureza vária, como a Comissão de Luta Anti-Fascista, a União de Resistentes Antifascistas Portugueses, a Comissão do Livro Negro para o Fascismo, dirigiu os serviços culturais da Câmara Municipal de Lisboa entre 1974 e 1975 e colaborou com a RTP no programa “Crónica do Século”. Mas Piteira Santos também teve importante participação em jornais e revistas. Além da sua colaboração n’*O Diabo*, o historiador escreveu vários artigos e resenhas dispersos na *Seara Nova*, na *Vértice*, na *República*, no *Ler*, no *Portugal Democrático*, entre outros. O que tomou proporções ainda mais expressivas após a revolução de 1974, colaborando também no *Jornal de Letras*, no *Público*, no



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Diário de Notícias* e no *Diário de Lisboa* (do qual foi director-adjunto e onde assinava a sua rubrica mais conhecida: “Política de A a Z”).

Por vezes, a crítica da sociedade e política portuguesa dava lugar à análise cultural e histórica – e até ao debate. A evocação de outros historiadores e intelectuais – do seu tempo ou do passado – para efeitos políticos ou culturais foi recorrente. No artigo “A voz crítica de um «homem difícil», publicado no *Diário de Lisboa* em Setembro de 1985, Piteira Santos recorre às palavras de Vitorino Magalhães Godinho na obra *Portugal, a Pátria Bloqueada e a Responsabilidade da Cidadania* (1985) para evocar um sentimento de pessimismo e de incerteza perante o futuro do país, apelando à reforma e aprofundamento da democracia em Portugal (Santos, “A voz crítica...”, 1985, p. 3). António Sérgio é alvo de algumas crónicas onde repetidamente se evoca a sua obra e as suas lições num Portugal em mudança e afirmação democrática com bases no socialismo (Santos, “A obra de António Sérgio”, 1978, p. 3). Ou ainda a sua recensão à reedição da obra *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, de José Tengarrinha (1989), onde se encontram considerações sobre a relação entre história, jornalismo, política e cultura (Santos, “Jornalismo e História”, 1989, p. 12). Em Julho de 1992 escrevia no *Jornal de Letras*, respondendo a Jorge Borges de Macedo, que não se verificou uma “ofensiva da historiografia marxista” nas décadas de 1930 e 40, mas antes a afirmação de uma “história sociológica” (ou “história problematizada”) que tinha como objectivo principal a renovação da escrita da história por intermédio do rigor científico, da crítica e articulada a problemas do tempo presente. A questão ideológica latente a essa historiografia não é desvalorizada, mas o historiador alerta que não se devia confundir as convicções políticas e pessoais com o ofício de historiador (Santos, “A «historiografia marxista» e a moderna História de Portugal”, 1992, pp. 6-7).

A extensão relativamente reduzida da obra historiográfica de Fernando Piteira Santos pode ser explicada, em parte, pelas várias intervenções e actividades a que o historiador se dedicou, desde o seu activismo político e jornalístico ao ensino e à divulgação cultural. Mas se não é um legado extenso, há que sublinhar o impacto significativo da inovação nos métodos utilizados e da tónica no pensamento crítico. Destarte, o papel de Piteira Santos na historiografia portuguesa do século XX e no espaço cultural deve ser destacado. Como terá afirmado Manuel Alegre sobre o historiador em causa, estamos perante “(...) um intelectual de acção, de escrita e de combate” (Cunha, “Santos...”, 2000, p. 398).

**Bibliografia activa:** Espólio Piteira Santos; Núcleo de Expediente e Arquivo da FLUL; Santos, Fernando Piteira. “Considerações acêrca da vida pública e dos meus compatriotas”. *O Diabo*, 27 de Abril de 1939; “Sobre uma frase de Marc Bloch”. *Vértice*, n.º 50, Setembro de 1947; *Geografia e Economia da Revolução de 1820*. Lisboa: Europa-América, 1962; “O 5 de Outubro e a História: perspectiva sociopolítica da Revolução”. Pereira, Miriam Halpern, Fernando Piteira Santos e Jacinto Baptista (orgs.). *5 de Outubro de 1976. Conferências no Palácio Foz*. Lisboa: Direcção-Geral da Divulgação, 1976; “A obra de António Sérgio”. *Diário de Lisboa*, 13 de Abril de 1978; “Exilado na Pátria”. *Diário de Lisboa*, 19 de Maio de 1978; “Notas de introdução

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

a uma leitura de Sérgio”. *Clio*, 1979; *Raul Proença e a Alma Nacional. Da colaboração com António José de Almeida à ruptura*. Lisboa: Europa-América, 1979; “António Sérgio: o escritor e o discurso ensaístico”. *Vértice*, n.º 446, 1982; “A voz crítica de um «homem difícil»”. *Diário de Lisboa*, 24 de Setembro de 1985; “Do «Antigo Regime» ao Portugal Liberal”. *Clio*, vol. VI, 1988; “Jornalismo e História”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 1 de Agosto de 1989; “D. Maria I – D. João VI: a viragem do século / a mudança do País”. Medina, João (dir.). *História Contemporânea de Portugal. Das invasões francesas aos nossos dias*. [Lisboa]: Mutilus, 1990; “Paul Lafargue e os inícios do movimento socialista em Portugal”. Chitas, Eduardo, e Hernâni Resende (coords.). *Filosofia. História. Conhecimento. Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena*. Lisboa: Caminho, 1990; “A «historiografia marxista» e a moderna História de Portugal”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 21 de Julho de 1992; Soares, Mário. *Portugal Amordaçado. Depoimento sobre os anos do fascismo*. [Lisboa]: Arcádia, 1974; Taylor, Arthur [pseudónimo de Fernando Piteira Santos]. *As Grandes Doutrinas Económicas*. Lisboa: Europa-América, 1951.

**Bibliografia passiva:** Cunha, Carlos Alberto, “Santos, Fernando António Piteira”. Barreto, António, e Maria Filomena Mónica (coords.). *Dicionário de História de Portugal*, vol. IX (supl.). Lisboa: Figueirinhas, 2000; Farinha, Luís. “Santos, Fernando António Piteira”. Rosas, Fernando, e J. M. Brandão de Brito (dirs.). *Dicionário de História do Estado Novo*, vol. II. Venda Nova: Bertrand, 1996; Godinho, Vítorino Magalhães. “Saudade de lutar pelo futuro”. Fiadeiro, Maria Antónia (org.). *Fernando Piteira Santos – Português, Cidadão do Século XX*. Porto: Casa das Letras, 2003; Macedo, Jorge Borges de, “Na última aula do professor Fernando Piteira Santos por limite de idade em 30 de Junho de 1988”. *Clio*, vol. 6, 1987-1988.

Daniel Tavares